

JOSÉ EDUARDO RIBEIRO

RUA PADRE ANTÔNIO CALDAS, 511^º

4800 GUIMARÃES

Exmo. Snr.

ARTUR CRUZEIRO SEIXAS

A CAVERNA

CERRITO

8150 S. BRÁS DE ALPORTEL

01.287

Responde em 15-4-82

"RECORTE"

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

Av. Almirante Reis, 19-2.º E.
1114 LISBOA Codex

[21]

COMÉRCIO do PORTO (O) Porto	
JORNAL de ALMADA Almada	
VOZ de PALMELA Palmela	UNIVERSIDADE DE ÉVORA
JORNAL da LIXA (O) Lixa	Arquivo 10247
Comércio de Guimarães (O) Guimarães	
SORRAIA (O) Coruche	
Povo de Guimarães (O) Guimarães	-3. OUT. 1984

1920 — nasceu Artur do Cruzeiro Seixas.

1925 — aos 5 anos de idade experimenta o seu primeiro prazer «estético», ao enfeitar uma cadeira com as palhinhas de uma caixa de chocolates.

1930 — I Salão dos Independentes: «Nós não precisamos de destruir o que já anda a cair de podre. Chegámos à altura de construir. Somos Independentes porque olhamos para as coisas sem óculos académicos, com os olhos que Deus nos deu» — António Pedro.

1935 — Paris: «Manifesto do Dimensionismo», assinado por Duchamp, Miró, Picabia, António Pedro entre outros.

1936 — No número de Fevereiro-Março de «Cartaz», A. Pedro publica a tradução do «Manifeste Dimensionniste»: «A Poesia precisa cada vez menos de palavras. A Pintura cada vez mais da Poesia».

Em Julho: Exposição de «Artistas Modernos Independentes», a melhor e mais moderna exposição de conjunto que se realizou em Portugal», como reacção ao II Salão de Arte Moderna, «a exposição de que (só) gostam os seus organizadores», «retrospectiva» — in-

ciativa de António Ferro, aberta dias depois.

1938 — Exposição Internacional do Surrealismo (Paris). Io Surrealismo A. Breton e Dali, dizem-nos que: «é a inspiração reconhecida e praticada como uma faculdade que se exerce aos níveis do inconsciente», um «automatismo psíquico em que o pensamento está ausente de qualquer controlo exercido pela razão», numa «ascese severa do Espírito!»

1940 — Exposição de Pintura e Escultura de António Pedro, Dacosta e Pamela Boden. O Surrealismo irrompia nesta exposição, rasgando à pintura nacional novos horizontes. «Os espíritos inocentes da arte, da estética e da beleza vão ser abalados» — A. Portela in

A PROPÓSITO DE UMA EXPOSIÇÃO NA GALERIA Gilde

Surrealismo, antecedentes e Cruzeiro Seixas

«Diário de Lisboa». «O tempo dirá se os expositores tinham ou não tinham razão» — Luís Teixeira in «Diário de Notícias».

1945 — Fase Expressionista Neo-Realista de Cruzeiro Seixas. O Neo-realismo «dispõe-se a ultrapassar tematicamente tudo o que as escolas anteriores têm abordado», seja a atitude «demasiado sórdida de pintar naturezas-mortas para um senhor bom freguês» sejam «a procura de belas formas» ou todos os «individualismos e formalismos» — Vespereira in «A Tarde».

1947 — Cruzeiro Seixas realiza os seus primeiros «Objectos Surrealistas». Objectos constituídos no seu todo por elementos díspares (ferro de en- gomar com pregos, de Man Ray; um

mictório, «Fonte» de Duchamp), ou a representação mecânica dos fantasmas do ego («Máquinas de Pensar», de Dali. Construções em arame e meias de seda, de Cruzeiro Seixas). Único método de Associações: os mecanismos que comandam o sonho.

1949 — Após a I Exposição, em Janeiro, o «Grupo Surrealista de Lisboa» extingue-se. Em Julho, o «anti-grupo surrealista» Os Surrealistas expõe pela primeira vez. Em Setembro, Cesariny, numa carta, afirma-se em ruptura com o G. S. L.. Em fins do ano seguinte realizam a sua II Exposição. Cruzeiro Seixas, que nunca tinha tido relações com o Grupo, convidado por Cesariny toma parte activa nas duas realizações d'Os Surrealistas.

1950 — Primeiros Poemas.

1951 — Por fidelidade ao movimento surrealista, Cruzeiro Seixas viaja pelo oriente como marítimo, até se fixar em África.

1953 — Expõe em Luanda. No Catálogo à Exposição, Cesariny proclama a África como «o último dos continentes Surrealistas».

1964 — Regressa a Lisboa.

1971 — Edita com Mário de Cesariny, o opúsculo: «Contribuição ao Registo de Nascimento, Existência e Extinção do Grupo Surrealista de Lisboa.»

1977 — Expõe em Madrid, Amesterdão, Paris, Londres, Tomar, Porto e Lisboa.

1978 — «Acta Médica Portuguesa», com Vespereira, Júlio Pomar, etc. na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

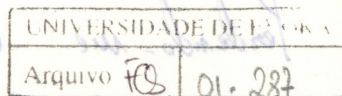
1981 — Com o Grupo Internacional Phases: «Permanence du Regard Surrealiste» e «Images en Flagrant Delit» em França.

1984 — Retrospectiva na Galeria Gilde, S. Torcato — Guimarães.

José Eduardo Ribeiro

3
José Eduardo Ribeiro
R. Padre António Caldas
4800 GUIMARÃES

1
CRUZEIRO SEIXAS
A CAVERNA
CERRITO
S. BRÁS DE ALPORTEL



Caro Artur Cruzeiro Seixas:

É muito natural que já não se recorde da nossa «conversa», aquando da inauguração da sua exposição (SETEMBRO - OUTUBRO, 1984) na GALERIA GILDE, S. TORCATO - GUIMARÃES. Conversamos sobre um sem número de coisas: histórias ligadas às suas obras expostas, a sua fase neo-realista, sua estadia em África. Posteriormente fui apresentando pelo Sr. Teixeira da Mota como um «moco poeta», que além disso vem fazendo artigos sobre as exposições da Gilde num jornal, o «Povo de Guimarães». É precisamente um desses artigos a razão desta presente carta. Diz respeito à sua exposição. Tem como título: «A PROPOSITO DE UMA EXPOSIÇÃO NA GALERIA GILDE: SURREALISMO, ANTECEDENTES E CRUZEIRO SEIXAS»

Não me vou alongar sobre a explanação do artigo: a sua leitura é clara, clarifica os propósitos do mesmo. No entanto gostaria de salientar que a pronta ajuda do Sr. Luís Teixeira da Mota - e também a sua, Cruzeiro Seixas - foram-me essenciais: foi na consulta das suas obras literárias de, afineado colecionador do Surrealismo (enquanto documento) que se baseou muito do artigo (informações que foram completadas no referente ao Surrealismo em Portugal, por uma HISTÓRIA DA ARTE (sec. XX) do José Augusto França). Obras que estavam profusamente expostas como complemento à sua exposição; que alargando o âmbito de «uma exposição de quadros», âmbito mais ou menos estrito me sugeriam também a mim o alargamento

do teor do artigo: muito me elucidaram também, noutro aspecto,
os seus pensamentos sobre o Neo-Realismo: lá estava Vespereira!...

Perdendo-me em palavras (e não me querendo mais alongar)
ia-me esquecendo de lhe localizar o artigo no jornal: está na
página três, mesmo mesmo a começar a dita página.

Guardo com todo o meu coração o catálogo da sua exposição
entre nós, na parte Mostra de meu miscelâneo a sua dedicatória:

« para o Poeta José Eduardo Ribeiro com a simpatia do
poeta Guiziro Seixas ». Envio-lhe, tão cedo de que apreciaria
(já lhe devia ter enviado mais cedo, um poema que lhe
prometi) um poema meu: « VAN GOUGH ». Aceite-o também
com a minha simpatia e lembrança.

Esperando encontrá-lo em grande forma e Saúde

e esperando que um dia volte a expor cá em Guimarães,

João Guilherme

Guimarães 17 de Março de 1985

Para o pintor Antão Pinheiro Seixas,
em lembrança de uma conversa em Setembro,
conversa-pintura, este poema, que falando
de pintura também falamos sem saber de
«VAN GOGH», presente no nossos secretos pensamentos
ao conversarmos sobre: «SURREALISMO»!.

UNIVERSIDADE	FEVORA
Arquivo	FCS 2

01-287

VAN GOGH

A miséria, o talento dos esboços
o ruir lento de um neurónio rápido
arrasta ruidosamente o rasgar da orelha

O pincél numa seara
o vermelho marcado pelo Sol,
em escura percepção do dia.
E o Amor, afogado em absinto,
triste rompimento, d'um sofrimento
morto, eternamente o vermelho
solidão de um Sol no túmulo.

AVEIRO, 13.12.1982

João Guimaraes

Guimaraes 17. Março. 85